

[N.º 79]

A FUTURI

DEUS

PATRIA



REI

MEMORANDOS

Dedicados
pela Mocidade Legitimista
Portugueza

No seu
Decimo nono Anniversario
Natalicio

I.
Inda, Senhor, mentida «liberdade»
Opprime um Povo que por Ti suspira,
Que oppressão detestando e falsidade,
A Lusa antiga Liberdade aspira
Que de enganos cançado e d' impostura,
O regresso á verdade em Ti procura.
Mentem — rementem — trimentem
Os que nosso patriotismo
Hoje inda infamar intentem
Com chamar-lhe servilismo.

II.
D'esses que os pés de tímido estrangeiro
Foram beijar, abjectos e aviltados,
Para de gente, esquadras, e dinheiro
Serem, com que opprimir-nos, ajudados,
Que ao vil compadre até das Tulherias (1)
Foram servir, nos tres infames dias!
Foi a Quadrupla Alliança
A sua grande proeza;
Hispanha, Inglaterra, e França
Contra a Nação Portugueza!

III.
Quem resistiu durante um lustro inteiro
(Opprimido a final — e não vencido,) (2)
Por mar, por terra, ao bando flibusteiro,
O lixo das nações d'ellas varrido? (3)
Não foi acaso o Povo Lusitano?
D'onde lhe veio outro socorro humano?
Como ousa o bando cobarde
Vir, com descaro profundo,
Fazer da proeza alarde
A' vista de todo o mundo?!

IV.
Vem, d'escopeta e de punhal armado,
Embutir-nos á força mil venturas,
Roubar, fechar o templo profanado,
Dar-nos no cemiterio sepulturas.
E sam esses abjectos impostores
Do Povo Portuguez calumniadores!
Fallam de papo, alanzóam,
Sem tino, vergonha, ou pejo,
De progressos que apregoam,
Progressos de caranguejo!

V.
Fizeram, sim, retrogrado progresso;
Nobre gigante em baixo anão tornaram,
E d'esse infame, estolido processo
Os fatuos altamente se adularam!
(Papalvo que depois deu em tal rede
Limpar a suja mão pôde á parede!)
Tinha a Nação Portugueza
Dos povos inda na escala
Respeito, poder, grandeza,
Vienna d'isso nos falla, (4)

VI.
Eis que de vinte a perdida quadrilha
Surge, falsa, traidora, e mentirosa,
Vem do Imperio fazer cruel parfilha,
De seita ás ordens impia e tenebrosa.
E quereem d'essa infamia os vis herdeiros
Passar por patriotas verdadeiros!
De liberdade e franquia
Pertendem ter monopolio,
Fazendo, de noite e dia,
De Portugal pingue espolio!

VII.
Nossos Paes, como os Vossos, bem pensaram,
Que ao corpo social era preciso
Uma cabeça, qual determinaram,
De autoridade assento e de juizo
(Do Povo Portuguez por Ti o apêgo
Vem d'Ourique, Senhor, vem de Lamego).
Que fosse essa autoridade,
Que elles mesmo constituiram,
Despotica Magestade,
Jámais em tal consentiram.

VIII.
Gozar poder *despotico*, ou *supremo*,
Sam cousas mui diversas: a primeira
E' qual barco sem guia (léme ou remo),
Das ondas ao capricho (ou da cegueira);
Mas *ultimo recurso* era a segunda,
De alta prudencia creação profunda.
Não pôde haver *monarchia*
Sem tal poder soberano;
De constituições mania
E' só maçonico engano. (5)

IX.
Era o Monarcha, sim, quando escolhido,
Do poder da Nação depositario;
Mas tal poder, depois de conferido,
Ficava sendo firme, e não precario:
Só por loucura, ou por flagrante abuso,
Podia o Rei descer do Throno Lusó.
D'esta sorte, garantia
Vinha a ser a sociedade
De concordia, de harmonia,
De justiça e liberdade.

X.
Em regra, o Soberano punha o sêllo
Aquillo que os concelhos decidiam;
Estes, para estudal-o, e bem sabel-o,
Seu poder magestático exerciam; (6)
Vindo ao Rei o negocio, ao sancional-o,
Podia, se erro houvesse, inda emendal-o.
Eis o que significava
O famoso *absolutismo*,
Com que as hochechas inchava
Mentiroso Pedreirismo.

XI.
E' preciso ser louco, ou sem memoria,
Para accusar a Monarchia antiga
(Livre quão paternal — veja-se a historia)
Como se da Nação fora inimiga:
Isso a Seita pertende tenebrosa.
Em tudo, como sempre, mentirosa.
Essa turba tagarela
Vê tudo por falso prisma;
Pois que havia de ser d'ella
Sem mentira e sem sophisma?!

XII.
Como na d'Albião, em nossa terra
Era do Povo a bolsa, era o dinheiro;
D'elle, pois, dependia a paz, a guerra,
Tinha de consual-o o Rei primeiro; (7)
Do Monarcha os direitos e os do Povo
Só veio a confundir abuso novo
Com volver ao modo antigo,
Que esse abuso transformara;
Sem revoltas, sem perigo
A Nação se reformara.

XIII.
Foi isso o que no Porto promettêra,
Quando se levantou rebelde bando;
Mas da promessa logo se esqueçera,
Ou por melhor dizer, d'ella zombando;
Haver podêra o Reino restaurado
A seu brioso e nobre antigo estado:
Mas tal não era o dezejo
Que a negra seita entretinha;
Mente sem vergonha ou pejo,
Nunca direito caminha.

XIV.
Em vez de convocar as Côrtes d'antes,
Unicas que a Nação reconhecia,
Legaes, do Povo, só representantes,
D'elle sós possuindo a sob'rania;
Decretam paltratorio á Castilhana; (8)
Com Portugal assim dando em Pantana.
Retalhar a Monarchia
Conseguiram brevemente;
Em systema de anarchia
Nos lançaram permanente.

XV.
Vosso Pai, bem pensando, e mal guiado,
O Reino quiz livrar da peste infame;
Mas pela Seita foi sacrificado,
Que jámais Lhe perdôa tal gravame.
Quiz ella a Vosso Tio Brasileiro,
Porque, a mais de rebelde, era Pedreiro.
Dêram-lhe a Lusa Corôa
Meia-duzia d'intrigantes,
Apenas morto, em Lisboa,
Vosso Avô — ou talvez antes...

XVI.
Mas a Nação, que o roubo não sanciona,
Ao saber d'elle, e vendo-se enganada;
Nem seus proprios direitos abandona,
Nem á traição, se curva, descarada.
O que veio depois é fresca historia,
Nem hoje d'isso aqui farei memoria.
Mostrarei, porem, aos olhos
Da juvenil Magestade
Fataes, modernos escolhos
Em que deu a Sociedade.

XVII.
Senhor, nasceste hoje, ha poucos annos,
Não vistes Portugal qual d'antes era,
E — se é possível reparar seus damnos —
Qual por Ti só tornar a ser espera.
Só força de justiça e de verdade
Podem regenerar a Sociedade.
E se, pois, a Providencia
Inda ao throno Te destina,
Lembre-te que a Sapiencia
Está só na Lei Divina.

XVIII.
Não penses, como Teu Avô terceiro,
Com seu Ministro duro e talentoso,
Que interesse mundano está primeiro
Do que Eterno Infinito — o Religioso.
De El-Rei Dom Manoel, do nobre Filho,
Segueide, antes, Senhor, o exemplo, o trilho.
Desvaira completamente
Inclada humana vaidade,
Quando quer prefera a gente
Tempo breve á Eternidade. (9)

XIX.
Desque entre os homens voga tal doutrina,
(Nem dos Céos o interesse é já primeiro),
Vêde como os confunde a Mao Divina,
Que desordem que vai no mundo inteiro!
Só quem principio e fins em Deus coaduna (10)
A salvo pôde rir-se da fortuna.
Taes principios desprezando,
Veio a dar o Mundo agora
No que estamos contemplando,
Que a recta razão deplora.

XX.
Com politicos de hoje o Estado é tudo;
O direito, a justiça é bagatela;
Roubar, mentir, matar, graça d'entruído;
E honra?... algum tólo só faz caso d'ella.
E n'isto o mais bonito que eu contemplo,
E' que hoje do mais alto vem o exemplo!
Com Rei Ladrão fraternizam
Outros Reis e Imperadores;
O roubo, assim, canonizam
Esses Augustos Senhores!

XXI.
Cessou d'Astrea o reino entre os humanos;
Em vez d'ella, domina a «Liberdade»;
Hoje temos ladrões — mas não «tyrannos»;
Está regenerada a sociedade.
Construem os Monarchas, hoje em dia,
(Jazigo proprio) o templo da Anarchia.
Senhor, se o throno gozares,
Como todos esperamos,
A tal exemplo imitares
Que Te recuses contamos.

XXII.
Do Reino Fidelissimo a bandeira
Sempre abaixo ficou da Cruz de Christo,
E quando foi nos mares a primeira,
O seu timbre maior fizera d'isto.
Trocado hoje o logar — sem ser culpada —,
Até mudou de côr, d'envergonhada.
E porque mudado seja
Tudo o que tanto o magôa,
E' que Portugal dezeja
Ver-te cingir a Corôa.

NASCEU EM EUBACH
a 19 de Setembro de 1853

OS LEGITIMISTAS RECONHECEM-O
seu Chefe a 16 de Novembro de 1866

